

XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2008.

Texto analítico y texto universitario.

Lo Bianco, Anna Carolina.

Cita:

Lo Bianco, Anna Carolina (2008). *Texto analítico y texto universitario. XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-032/569>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/efue/zR9>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

TEXTO ANALÍTICO Y TEXTO UNIVERSITARIO

Lo Bianco, Anna Carolina
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnologia. Brasil

RESUMEN

El artículo pretende examinar la diferencia entre el discurso universitario y el discurso analítico, tal como ésta puede ser apreendida en la articulación de un texto. Asimismo, establece la diferencia entre un trabajo realizado de acuerdo con las formulaciones prescritas por el procedimiento universitario e el halazgo que un texto analítico introduce. Se concluye que, mientras que en el primero se trata de un conocimiento regido por la intención y la razón, el segundo es proferido desde un lugar en el cual el sujeto se encuentra no sólo excluído por la razón, sino, también abolido por las leyes de la lengua - lugar de exilio del cual sólo puede salir mediante su acto.

Palabras clave

Acto Actoteórico Textoanalítico Razón

ABSTRACT

ANALYTICAL TEXT AND UNIVERSITARIAN TEXT

The article examines the difference between the discourse held by the university and that held by the analyst, as comprised in a text. It establishes the difference between a work in accordance to prescriptions of the academic procedures and the findings brought about by an analytic text. It concludes that while the further is addressed to knowledge, guided by intention and reason, the last is proffered by a subject who occupies a place where he is not only precluded by reason but abolished by the laws of language. This subject can only leave that place by making an act.

Key words

Act Theoreticalact Analyticact Reason

O presente trabalho procura fazer uma reflexão sobre o discurso psicanalítico e o discurso universitário tal como eles articulam um texto.

Meu objetivo será tentar apreender o que faz de um texto analítico algo de diferente do texto que é composto do lugar do discurso universitário. Essa questão é urgente para aqueles que estando às voltas com o impossível na relação da análise com o discurso universitário, trabalham a diferença entre os dois discursos como uma das maneiras encontradas de enfrentar essa condição.

Parto da passagem do Seminário XVII, em que Lacan (1960-70/1992) examina o uso de Sellin, um autor citado por Freud (1939/1996) em *Moisés e o Monoteísmo*. Tomo de início, a discussão com André Caquot, professor de Ciências Religiosas na Ecole des Hautes Etudes, que a meu ver é um exemplo precioso do que são as posições sustentadas pelo discurso universitário e as que vêm do lado do discurso psicanalítico.

Lacan pede a Caquot que encontre no texto de Sellin alguns vestígios que indiquem algo sobre o assassinato de Moisés. Ele é movido por um problema que é "como, porquê, Freud precisou de Moisés", e, mais que isso, porque "precisou do assassinato de Moisés" (Lacan, 1969-70/1992, p.129).

É muito interessante acompanhar a discussão entre os dois, ver a diferença entre o que Lacan considera importante e o que Caquot ressalta do texto de Sellin; e, principalmente é importan-

te escutar a discussão tendo em vista o que Freud escreveu! Ao analisar o texto de Sellin, Caquot começa por delimitar a ideologia e a opção metodológica desse texto - e, em toda a sua fala, nos deparamos com a mesma preocupação, com a mesma crítica por não encontrar em Sellin uma prova mais segura, uma demonstração de que Moisés haja sido morto. Considera a hipótese de Sellin "frágil", chegando a achar nela uma "imaginação desenfreada" e se refere ao assassinato como um "pretensso assassinato" que Sellin "pensa" circunscrever - uma "conjectura gratuita" (Lacan, 1969/70, p.201). Respondendo a uma pergunta de Lacan, Caquot menciona ainda que a despeito do rigor e da clareza, o argumento era falso. Mas, o que chama mais atenção é que, por duas vezes, afirma que Freud teria usado a referência de Sellin por seu prestígio acadêmico, já que talvez a lembrança que Freud de fato teria era a de uma passagem de Goethe em que esse autor "imaginava" (novamente a crítica) que Moisés havia sofrido uma morte violenta (Lacan, 1969-70, p.202).

Acredito que possamos considerar a intervenção de André Caquot como bastante representativa de uma intervenção cuja estrutura esteja dada no discurso universitário.

Em contraposição a essas observações, por outro lado, encontramos uma breve menção de Lacan que nos oferece uma visão diferente do uso que Freud faz do texto de Sellin. Em seguida à exposição de Caquot e depois de alguns comentários, Lacan diz que Freud não se baseia em nada dessa articulação realizada por Sellin nas várias edições de sua obra. Ou seja, Freud procura no texto, muito pelo contrário, a "extraordinária latência" (Lacan, 1969-70/1992, p.130) implicada na maneira de proceder de Sellin e, até certo ponto, é muito concebível que Freud haja valorizado justamente uma lembrança, uma suposição que ressurgiu a despeito de todas as resistências.

Acredito que possamos avaliar o passo que Freud estava dando ao afirmar o assassinato de Moisés: basta lembrar as conseqüências que isso traz para o real que ele vem fundar na religião judaica e para todas as questões que tocam esse tema, seja a do recalque, a da recusa, a da tradição, a da transmissão e tantas outras. Podemos reconhecer aí uma maneira de operar que implica quem está escrevendo para além de sua vontade; ou seja, a operação não é automática e a garantia não está dada de fora: o que garante o achado que o texto traz é o ato de quem escreve.

Freud ao supor o assassinato de Moisés, seja a partir de sua leitura de Sellin ou de Goethe, usa esses autores como ponto de apoio para se lançar numa decisão conceitual audaciosa e corajosa e, nesse ponto, o ato de Freud é ao mesmo tempo um ato ético e um ato teórico (cf. Harly, 2002). Nesse ponto, torna-se nítida a diferença entre o domínio do discurso universitário e a incidência do discurso do analista sobre o texto que está sendo produzido. Por um lado, nos encontramos em busca da coerência e consistência, como acho ser o caso de Caquot; por outro lado, ao considerarmos o discurso freudiano, estamos em outra dimensão. Não encontramos mais o apaziguamento assegurado pela citação, pelas referências aos grandes autores, a menos que se esteja incluindo aí uma relação de transferência, que difere de uma crença cega.

O que vemos, então, Freud fazendo no seu texto é menos significar o assassinato de Moisés do que autorizá-lo. Acredito que essa distinção entre significar e autorizar possa ter eco entre o que é uma operação comandada pelo saber e outra comandada pelo analista no seu lugar de causa.

Talvez seja a isso que Lacan se refere quando fala que não vai dizer o que sabe sobre os nomes-do-pai ou que não vai sacanear a sua audiência fazendo-a entender o que é os nomes-do-pai. Porque se a fizer entender alguma coisa, a chance de que as coisas mudem vai ser mínima. E a característica do que é dito a partir de um saber estabelecido é que o que quer que seja dito, "dos temas mais ardentes, até mesmo da atualidade política, por exemplo, seja apresentado, seja posto em circulação, de forma tal que não leve a qualquer conseqüência" (Lacan, 1967-68/2001, p.26).

Acerca do discurso freudiano, ao contrário, pode-se falar tudo

ou mesmo já se falou muito, mas não se pode dizer que ele não teve conseqüências...

Bem, mas nesse ponto, considero necessário fazer ainda alguns movimentos para que não se caia num maniqueísmo em que se identifique um discurso como bom e outro como mal, ou então em algo que diga respeito à vontade daquele que articula um texto. Há outras questões que têm que ser levadas em conta para que se possa situar o que podemos chamar de ato no texto analítico. Porque se ele é ato ele não comporta um sujeito, menos ainda um eu da vontade ou da intenção.

Recorro então a um texto de Charles Melman (1992) "*Ce que nous avons oublié*", em que, num colóquio sobre "a filiação entre a fé e a razão" em Ibn Rushd, Maimonide e São Tomás de Aquino, fala de uma disjunção-conjunção entre o conhecimento e a palavra, que acaba por situar o sujeito num lugar de exílio, precluído pelo conhecimento e abolido por sua própria palavra. Esse texto traz muitos elementos para podermos considerar que é de um ato que se trata na articulação de um texto analítico - resumirei brevemente o que pude apreender nesse texto.

Melman começa por uma menção ao que o texto de Ibn Rushd acredita ser um texto religioso. Diz que nesse texto há uma ordem interna à sua redação, que não é imposta de fora, pela vontade divina, por exemplo. É uma ordem necessária, da escrita mesmo. Trata-se do emprego do silogismo que vai permitir a decifração do texto, indo do desconhecido ao conhecido. É um método que permite a retificação do texto literal e ao mesmo tempo dá os limites da interpretação.

Um tal método rejeita as proposições que são contraditórias com as premissas e Melman diz que essa rejeição é comandada por um "automatismo inerente ao jogo de escritura". Ou seja, esse método reconhece um automatismo no jogo de escritura, um "comando automático", que exclui qualquer intervenção do sujeito.

Melman se pergunta se um texto desse tipo dá conta do fenômeno da Revelação, i.e. de uma lei que não se articula a partir de um jogo de escritura mas sim a partir da emergência de uma voz. Mostra, em seguida que Ibn Rushd é ambíguo ao responder a isso, mas que São Tomás e Maimonide afirmam que esse texto, que se articula a partir da voz, é de uma outra ordem e vem de um lugar diferente do da razão.

Para falar desse lugar, Melman toma uma decisão: diz que não vai se valer da lógica da demonstração, mas de sua própria palavra, para dizer que, se o sujeito é precluído pela lógica, ele é abolido também pelo jogo significante, na medida em que está sujeito às leis da linguagem. Essas leis da linguagem comportam prescrições e interditos e chegam ao sujeito sob a forma de uma Lei (com L maiúsculo) que lhe é revelada do real.

Menciona nesse ponto um conflito marcado por uma disjunção-conjunção entre o que se profere pela boca como palavra (com autoridade e a paixão e o caráter assertivo que acompanham a palavra quando ela é proferida), repito, uma disjunção-conjunção entre a palavra e a racionalidade pela qual tenta se defender dela - porque essa oposição é a mesma entre o saber intuitivo espontâneo que anima essa palavra (mesmo que ela não saiba nada ela está sempre persuadida de seu saber e de como ela é bem-fundada e de seu direito e de sua legitimidade), ou seja, essa oposição entre palavra e racionalidade é a mesma entre saber intuitivo e conhecimento pelo qual o sujeito pode tentar não ceder ao fanatismo que habita intrinsecamente a sua palavra.

É aí que Melman fala que se o sujeito é foracluído pela lógica (pela demonstração, pelo conhecimento) ele não é menos abolido por sua própria palavra - na medida em que essa palavra o arrebatava, o deixa sem recursos (ou seja, ele sempre é surpreendido com perguntas do tipo "por que eu disse isso?" ou "por que eu fui tomado desse jeito pela palavra?")

Ou seja, o sujeito está de um lado precluído pela lógica e por outro abolido pela sua própria palavra - seu lugar é então entre o conhecimento e a razão de um lado e a palavra de outro. Melman fala que o lugar dele é, portanto, um lugar de exílio.

Considero que nesse ponto posso me autorizar a dizer que desse exílio só se pode sair por um ato que com sua dimensão de

real e com sua ponta de significante vai oferecer, como efeito, um lugar para o sujeito.

BIBLIOGRAFÍA

FREUD, S. (1939). Moises y la religion monoteísta. Em S.Freud Obras Completas. BsAs: Amorrortu Editores, pp.1-131, 1996

HARLY, A. (2002). Le Moïse, un acte freudien. In www.freud-lacan.com. Site da Association freudienne internationale. Consultado em agosto de 2002

LACAN, J. (1967-68). Le Séminaire, Livre XV: L'acte psychanalytique. Paris: Editions de l'association freudienne internationale, 2001.

LACAN, J. (1969-70). O Seminário. Livro 17. O Avesso da Psicanálise. Rio de Janeiro: JZE, 1992.

MELMAN, C. (1992) - Ce que nous avons oublié. Em Le Colloque de Cordoue. Ibn Rochd, Maimonide, saint Thomas ou la Filiation entre foi et raison. Paris: Climats/ Association freudienne internationale